

Esquerda tropeça no palco iluminado

■ Parlamentares usaram as investigações da CPI como um roteiro de exibicionismo

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA — A trajetória das Comissões Parlamentares de Inquérito mais polêmicas, do caso PC à corrupção no Orçamento, demonstra que os representantes das esquerdas — PT, PDT, PC do B, PSB e PPS — transformam-se nos mais ativos detetives. Mas disposição, empenho e por vezes obstinação nem sempre são sinônimo de sucesso. Na CPI do Orçamento ficou provado que a criatividade e o entusiasmo dos “xerifes da esquerda” podem ganhar contornos de trapalhada. Que o diga o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), depois de cruzar o Atlântico até Nova Iorque à procura de Ana Elizabeth Lofrano dos Santos, morta há um ano e enterrada a 40 quilômetros do Senado.

Conduzido do aeroporto ao Congresso pelo motorista da Câmara que prestou serviços ao deputado João Alves, à época relator da Comissão Mista de Orçamento, o líder do PDT, Luiz Salomão (RJ), acreditou que encontrara a testemunha-chave para desvendar o esquema de corrupção montado pelos *anões* do Orçamento. Como num replay da CPI do PC, o motorista falou ao deputado que teria provas definitivas para o rumo das investigações. Salomão não conteve o en-



Suplicy fez uma viagem inútil

tusiasmo, anunciando para todo o país a existência e o nome de Eli Lopes Leitão. O resultado foi que João Alves chegou à testemunha antes da CPI e o depoimento cínico do motorista não passou de um fracasso.

O vazamento de informações sobre a situação grave de suspeitos ilustres como o ex-presidente da Câmara Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), o líder Genebaldo Correia (PMDB-BA) e o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, colocou o comando da CPI em pé de guerra com os investigadores. Incontáveis vezes, o presidente Jarbas Passarinho (PPR-



Salomão pegou carona errada

PA) e o relator Roberto Magalhães (PFL-PE) queixaram-se de que eram informados do resultado das investigações e diligências pela imprensa. Apontados como vazadores de informação, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS) e os petistas Aloizio Mercadante (SP) e Eduardo Suplicy (SP), além de Benito Gama (BA), levaram pitos públicos de Passarinho.

Mas nada irritou mais o presidente da comissão do que uma reunião de Bisol e Mercadante no apartamento do senador para examinar os documentos explosivos da construtora Norberto

Odebrecht, relacionando obras, nomes de parlamentares a percentuais. O senador Pedro Simon (PMDB-RS) foi avisado da gravidade da reunião e tratou de alertar Passarinho. Ele não se conforma até hoje de ter sido excluído de uma reunião que teve um jornalista na relação de convidados.

Bisol cercou os documentos de mistério, mas anunciou a “bomba” que cairia sobre o Congresso. Foi daí que surgiram os boatos de que uma centena de parlamentares estava incriminada e seria cassada. A CPI acabou bombardeada por tropas de choque de governadores relacionados como suspeitos e figurões da política, como o deputado Miguel Arraes (PSB-PE) e o senador José Sarney (PMDB-MA).

A CPI ganhou dimensão de crise política nacional, em que não faltaram os rumores de golpe e fechamento do Congresso. Na aflição de acalmar os ânimos e trazer tranquilidade ao parlamento, Mercadante acabou botando lenha na fogueira dos boatos golpistas. Numa movimentação cercada de cuidados, bateu à porta do ministro do Exército, Zenildo Lucena. Mas a visita que se pretendia secreta foi descoberta e acabou excitando ainda mais um Congresso nervoso.